



José de Faria Costa
/Francisco d'Eulália

Leitura interessada de coisas interessantes da vida de todos nós

Há um lado nosso, que tantas vezes queremos ver como inconfessado, que nos atrai para o mundo fantástico de juntarmos objectos, palavras, sonhos, desejos, dores, sim, dores, alegrias, sentimentos. Tudo. O que quer que seja. Juntar. Sim, pura e simplesmente juntar, amontoar. Não, não falo sequer de coleccionar. Que é outra coisa e é infinitamente menos essencial. Falo de questão mais simples e de mais profunda pulsão. O de querer dominar os pedaços, os casos, o restolho com que a nossa vida vai sendo feita. E é isso que permite, digamo-lo abertamente, o rememorar. Somos capazes de rememorar, acontece que por isso, mas não só por isso, somos. De sorte que fica, desde já e aqui, bem vincada a nossa pulsão para juntarmos, para amontoarmos o que quer que seja. Não por acaso fomos e somos recolectores, fazendo uma tal característica de nós aquilo que somos na nossa fragilidade de seres incompletos, infinitamente abertos ao outro e ao futuro. Todavia, isto são contas de outro rosário. Voltemos, pois, ao tema, sem dele nunca ter saído.

Mas há um outro lado das coisas quando disreiteamos sobre o impulso de juntar. Aquele que se mostra ou vira para a dimensão social e deixa o escrínio do subjectivo. Eu junto, arrecado, acumulo, não só para que me possa lembrar, isto é, para ter memória, para poder chamar o passado ao presente e, desse jeito, viver e poder, assim, chamar o futuro ancorado no passado, mas não só, evidentemente. Na verdade, também se junta o que quer que seja para que outros narrem. E, se bem vímos, o nosso modo de ser colectivo ou individual de cada dia é um amontoado de coisas que aparentemente não fazem sentido. É preciso que alguém lhes empreste ou dê um significado. E é aqui que entra o cronista, como entram tantos outros, todos os que pensam e reflectem sobre a nossa condição, por certo, mas é de cronistas que nos preocupamos neste momento. Sim, aqui entra aquele que escreve sobre o contingente, sobre a espuma dos dias, sobre o perfume da flor da pele, sobre o que passa, sobre o prosaico mas inescapável quotidiano. E tudo isto faz, sabendo de antemão que o faz porque é absolutamente necessário, mesmo eticamente necessário, para sermos mais "nós" na diferença de "nós", que o faz, sublinhe-se, para que se identifiquem e se percebam as esquinas, as rugas, as desgraças, os tortulhos, os tropeçinhos do tempo presente que amanhã já será passado mas um passado-presente. Todavia, fique vincado a traço grosso - e poderia ser de outro modo? - que Artur Costa se preocupa com a memória. Com o rememorar, que é coisa um bocadinho diferente. E de que maneira. Basta ler e ler com atenção tudo aquilo que beneficia da epígrafe "Contra o esquecimento" e, de forma muito particular, a crónica que só pelo título - *A besta* - diz bem da intensidade e

do tremor moral com que escreve e com que grita.

Assim, é infinitamente errado pensar que a crónica do dia vale só para o dia. Que nasce e morre no próprio dia. Que é crisálida de borboleta que esvoaça o tempo efémero de um ciclo de vida espartilhado no *tic-tac* cronológico de vinte e quatro horas. É claro que a crónica tem que ser, deve ser, simultaneamente, asa e raiz para, em meia dúzia de palavras, contar, cronicar, desenhar e recortar com nitidez o essencial e o contingente e que, por isso mesmo, por ser contingente, se pode tornar incontingente ou mesmo intemporal. Digamo-lo de forma breve e sincopada: ela é asa quando narra o contingente na sua infinita acessoriedade, ela é raiz quando exprime o incontingente que a variedade do acessório é capaz de mostrar ou reflectir. Mais ainda: a crónica, enquanto figura de estilo, privilegia necessariamente a asa. Porém, casos há em que a raiz fica bem nitida e se mostra em toda a sua natureza. Em que a palavra que se tornou narrativa rasgou o chão duro da terra e se fez raiz.

Escrever é um ofício duro, se bem que nos tempos de hoje em tudo o que é canto ou leira incultos se tropeça com escreventes ou sapientíssimos escrevinhadores. Porém, escrever com a regularidade que a crónica implica mais duro ainda é. E depois há um propósito que assola todos aqueles que escrevem com cadência em jornais: ser interventor. Acreditar que a sua palavra escrita não cai em saco roto. Que muito ou pouco pode influenciar e, desse modo, contribuir para uma maior consciência crítica. Juntar este escopo, chamemos-lhe a finalidade da cidadania, que pode revestir mil formas e jamais se deve fechar em um arco de coisas dogmáticamente obtusas, à tenacidade e constância que a regularidade exige faz daquele que escreve crónicas um autor forte e necessariamente morigerado. Levemos ao limite o que se acaba de afirmar: mesmo quando se escreve sobre um não-assunto, sobre o nada, é bom não esquecer que aquele que o faz sabe de antemão que os seus leitores percebem imediatamente a traulhice e serão impiedosos no julgamento. Daí, maior a angústia quando se vê o tempo passar e nada se considera relevante para cronicar. Os momentos em que tudo é fumo, nuvem e nada se antolha como "objecto" de escrita. Mesmo que se trate de escrita breve, como toda a crónica deve ser.

Neste sentido, aquele que escreve, segundo estas regras e dentro deste jogo, fá-lo sempre com o travo amargo do imponderável da sua própria contingência. O que não é, convenhamos, coisa pouca. Sintomático do que se acaba de dizer é, precisamente, a crónica que se intitula, não por acaso: "Escrever sempre também cansa" (p. 143-6). O que não quer dizer, fique bem claro, que se não podem escrever crónicas sobre o nada, sobre não-assuntos, sobre o vazio e estas crónicas ficarem como exem-

plos paradigmáticos deste modo de escrever. Mas mesmo que a crónica, em toda a sua unidade, não tenha parâmetros de *nec plus ultra* sempre se podem encontrar pedaços que marcam, por exemplo, pelo paradoxo fingidor: "só me resta, pois, nada escrever. Deixar que o silêncio ecoe no espaço que deveria ser o desta crónica" (p. 146). Porém, isso pode acontecer uma ou duas vezes na sequência da escrita que se faz crónica. Mas, não nos enganemos, ninguém, por mais genial que seja, pode fazer do nobre ofício de cronicar uma constante de escrita sobre o nada ou sobre um qualquer não-assunto. Mais. Uma tal escrita seria a negação, nos próprios termos, da ideia de crónica.

Porém, escrever com a regularidade do metrônomo acarreta um outro perigo. O de o cronista se transformar em um tudólogo. Como sabemos, espécie genética que a tardo-modernidade fez aparecer como cogumelos. Na verdade, hoje, na escrita breve, no comentário de *sound-byte*, na exaltação dos egos falantes e escreventes o que é que vemos e ouvimos? Tantos e tantas a discorrerem ou a disreitearem, com a maior das certezas, sobre tudo e o seu contrário. Com a leveza da borboleta aliada à ignorância que pesa como um elefante. E tudo isso se faz com a maior desfaçatez, sem o menor pudor. Vive-se o momento em tempo real que é a soma de milhares de milhões de outros momentos de outros, portanto, que não são meus, mas que eu sinto e vejo em rede e que, de certa maneira deles me apropriro. Talvez melhor e de jeito mais aprofundado: momentos que se colam, que se entranham e que, por isso mesmo, não obstante virem de fora passam a fazer parte de mim. De sorte que, mais do que estarmos em um mundo aquoso, em que tudo é água que escorre, acho, sinceramente, que já se ultrapassou esse patamar e se está definitivamente em galáxia gasosa, etérea. Em que o significado e significante são meramente virtuais. Em que o "eu" e o "objecto" não se diferenciam e se lançam em um perigoso jogo de sedução mútua, para ambos desaparecerem e não sabermos o que fica. E se o espanto é o primeiro estádio para o espírito ir mais além e mais fundo é também bom não esquecer que o espanto persistente, obsessivo, patologicamente relativizado, é a porta de entrada para, a história do pensamento ocidental assim o mostra, o "sono da razão". E todos bem sabemos, infelizmente, quais são as consequências devastadoras e deletérias de um tal sono.

Todavia, fique bem claro, nada disto acontece no livro que hoje vos apresento. *A sombra que perpassa* é, antes de qualquer coisa, um livro e um livro onde a palavra tem significado e significante. Mas é, para além de tudo, uma escolha criteriosa de crónicas que Artur Costa beneditinamente escreveu ao longo de vários anos

no periódico nacional "Jornal de Notícias". E, garantivos, em nenhum destes setenta e dois textos, se sente a falsidade de se ter escrito para juntar palavras ou para falar sobre tudo. De se ter escrito sobre o nada e nada dizer. Ou de se querer tudo dizer para nada dizer. Não. Todos os textos mostram uma densidade de conteúdo, de reflexão superior – mesmo quando o Autor se qualifica como não-intelectual mas que, logo em jeito de compensação, salienta que também não é anti-intelectual (p. 13) – de contida sensibilidade, de emotividade rasoira pelo signo da sageza, de finura na descrição que nos atrai, inquestionavelmente, para o reino da prosa com sentido e significado. Mais. Formas de discreter que apelam a conexões, a enlances, a fios de seda a unir as coisas que, por vezes, se tornam quase imperceptíveis. Olhemos para esta interrogação: "Por que é que polícia e filosofia hão-de ser domínios estranhos um ao outro? Na verdade, se polícia encontra a sua raiz mais funda na "polis" e se esta nasce quando nasce a filosofia grega (aquela da qual ainda hoje nos alimentamos, mesmo sem o sabermos e, neste sentido, estamos a fazer prosa como Monsieur Jourdain), então, mais do que ter sentido ligar polícia à filosofia, dir-se-ia que um tal elo é até a mais linear decorrência para uma argumentação minimamente sustentada. Quanto disparte se evitaria se analisássemos os caboucos das palavras, das noções, dos conceitos e dos princípios e nos deixássemos, não de verdadeiras narrativas, mas de narrativzinhas que mais não são do que pseudonarrativas ou até, despidoradamente, de falsas narrativas. De forma muito interessante e pensada, diria mesmo, reflectida, o livro foi construído, aglomerando nove diferentes temáticas. A saber: *A sombra que perpassa*; *Contra o esquecimento*; *As minhas certezas e as minhas dúvidas*; *E a vida?*; *O bem e o mal*; *Teatro e política*; *Drogas*; *Testemunhos*; *Portugal: que futuro?* E digo que tudo foi arrumado de maneira criteriosa, porquanto o título das temáticas vai ser encontrado, com a excepção dos *Testemunhos*, precisamente no título de uma precisa crónica. Vale por dizer: o título da crónica expande-se em substância e em forma para poder abarcar outras crónicas e assume-se, quase que por direito próprio, como pórtico de entrada para aquilo que vem a seguir. O particular a poder ser lido pelo geral. A arrumação das coisas a gozar, analogicamente, da arte estilística de empregarmos a parte pelo todo (sinédoque). O que nos leva a poder dizer que Artur Costa, mesmo quando arruma textos, está a escrever literariamente.

O sentido de um livro, independentemente do estilo, da forma literária e até do próprio conteúdo, está em poder nele encontrar-se unidade, escoreiteza linguística e, o mais importante de tudo, conteúdo. Isto é: ele, ele livro e o seu sentido, poder ser centro de imputação e de expansão crítica, de reflexão sustentada, de abertura criativa, de assunção de ideias próprias ou, se quisermos, de assunção de uma certa forma de ver o mundo e as coisas. E Artur Costa, para nosso proveito, fruição moral e intelectual não se coíbe de esparramar, de modo elegante mas não delíco-doce, todas aquelas qualidades. Às vezes com um toque queirosiano, outras mais chegado à pena forte e sulfúrea do grande, grandíssimo, genial, Camilo Castelo Branco. Depois, um tão selecto livro de crónicas permite, dir-se-ia que em doses homeopáticas, o

gozo inultrapassável do prazer de ler. Ao calhas abre-se o livro e lê-se a crónica que nos aparece. E lemos. E lemos. E termina-se. E pensa-se. E reflecte-se. E sem nos darmos conta sentimos o prazer de ler. Podemos ficar por aí ou podemos avançar ou recuar e procurar outras crónicas. Este jogo de aleatoriedade é, desde logo, mais uma atracção que o livro nos oferece. Se se quiser, e penso que Artur Costa não ficará ofendido com aquilo que vou dizer, podemos ler do fim para o princípio. Esta possibilidade de desconstrução é permitida ao leitor e tenho a certeza de que quem o fizer vai ficar tão entusiasmado como aquele que o leu de modo convencional. Mas de uma coisa estou eu certo: ambos, quando chegarem ao princípio do fim ou ao fim do princípio vão recomençar a catar ou a escarafunchar aquele pedaço de vida que ficou retratado naquela precisa crónica que, por seu turno, chama inapelavelmente aquela outra que me fez lembrar uma passagem da minha vida, da vida de cada um dos leitores. Por isso, poder-se-á dizer que cada um à sua maneira, seguindo a sua índole, o seu modo-de-ser, a sua ideologia ou mesmo a sua religião ou a ausência dela, lê como bem lhe aprouver. Repito: aleatoriedade pura e encantatória.

É evidente que se pode sempre dizer aquilo que Artur Costa escreve: "é claro que tudo isto são meras considerações filosóficas e por isso inúteis" (p. 192). Isto é: tudo o que se reflectiu até aqui, por mor da obra e do pensamento de Artur Costa, são inutilidades, são ademanes, são ouropéis, são enxúndias verbais, são excrescências, talvez mais ou menos abrihantadas por palavras bonitas mas que se esboroam na expressão forte e destruidora de tantas vaidades que devemos a Shakespeare: "What do you read my lord?", pergunta Polonius, responde Hamlet, "Words, words, words". Mas será mesmo assim? Não, não é assim. Por um lado, Artur Costa não julga que pensar e escrever filosoficamente sejam só "palavras, palavras, palavras", uma inutilidade, nem, de nossa banda, nos passa pela cabeça assumirmos um tal disparte. Isto é: que ao reflectir, ao discreter, nós ou ele, filosoficamente estejamos a escrevinhar inutilidades. Ironicamente, e de certa maneira e até com assomos de provocação, di-lo para que nos interroguemos. Ou, o que também é possível, di-lo pensando precisamente o contrário. Artes da escrita. Não esqueçamos: quem escreve desnuda-se ocultando-se. Por isso desconfiemos sempre daqueles que, em aparente ingenuidade ou em malvada perversidade de enganar, dizem que escrevem a verdade. Há tanto fingimento. E disso mesmo se dá conta Artur Costa quando burila e diseca a teatralidade da política (p. 281-283). Porém, quem escreve, mesmo que não se abalance na poesia, tem a consciência tão tranquila que possa dizer que nunca fingiu? Quem? Na verdade, mesmo no mais sério e descarnado ensaio, ao empregar-se uma figura de estilo que coisa se está a fazer se não fingimento, ainda que em forma larvar esteticamente consentida?

Porém, momentos há em que o que queremos dizer nos toca tanto que ficamos virados do avesso e aí não há desnudamento nem ocultação que nos valha. Ficamos só nós, perdidos no deserto da solidão que nos esmaga pela dor. "Sim, morreu um amigo, mas como dizê-lo se a incredulidade ainda mora em nós e há-de morar por muito tempo, até que a ausência faça sentir o seu peso e se

transforme em memória magoada? Como dizê-lo com palavras...?" (p. 323). E todavia vem mostrar a dor infinda pela palavra. O silêncio não serve. Na verdade, não tenhamos ilusões, quando falamos das "cousas" mais fundas dos homens e dos deuses, o silêncio ou é a antecâmara da palavra ou, com igual intensidade e bravura, o epitáfio da palavra sem palavra. E se apresentar um livro é, outrossim, um acto de comprometimento, permitam que me comprometa considerando, justamente, que eticamente e literariamente – e aqui vão com acinte três advérbios de modo seguidos, o que é quase uma heresia para os puristas da língua – os testemunhos, onde se encontram os epitáfios (p. 307-325), como dos pedaços literários mais fortes e densos de todo o livro, não por força do tema mas antes porque neles se sente a fibrilhação, racionalmente contida, das emoções que desconhecemos mas que são nossas e que em sincronia inexplicável se evaporam e se condensam em cristais de dor que nos rasgam a carne e a alma.

Em *A sombra que perpassa* há a lucidez melancólica de quem já viu muito mas porque acredita, seja no "outro" enquanto pessoa, seja em uma certa forma de ver o mundo e as coisas, e há ainda o fulgor do espanto ingénuo que é capaz de ser razão crítica. Depois, sim, depois há tanta coisa bonita e bem escrita que nos sentimos recompensados por termos estado à sombra de uma sombra que, embora perpassante, não deixou de nos dar conforto, perplexidade, exaltação, rigor, ensinamento, ironia, raiva, tristeza e valorização ética e moral. E tudo isso, o que não é coisa pouca, com um tom de simplicidade e de contida humildade intelectual – a única que é verdadeira humildade, porque a outra não é mais do que falsa modéstia que, como sabemos, é a mais desenfreada das vaidades – que nos deixa presos e suspensos. Não se sabe a quê ou que coisa mas, indesmentivelmente, agarrados e esvoaçantes. E que melhor elogio podemos dar a um livro, mesmo que feito ou urdido de despretensiosas crónicas, quando podemos dizer que ele é raiz e asa? Outros podem querer coisa diferente, para mim essa basta-me.

